

“(...) Um homem toma posse de si mesmo por meio de lampejos, e muitas vezes quando toma posse de si não se encontra nem se alcança. (...)”

A. Artaud, *Carta para Jacques Rivière* em 25 de maio de 1924

Coleção Lampejos

©n-1 edições 2023 / Hedra

***Semente de crápula. Conselhos aos educadores
que gostariam de cultivá-la***

Fernand Deligny

título original *Graine de crapule. Conseils aux éducateurs qui voudraient
la cultiver* – Éditions Victor Michon, 1945 primeira edição

©n-1 edições 2023

tradução® Juliana Jardim e Luiz Pimentel

coordenação editorial Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

direção de arte Ricardo Muniz Fernandes

revisão Pedro Taam

revisão técnica da tradução Cícero Oliveira e Juliana Jardim

projeto da coleção/capa Lucas Kröeff

projeto Juliana Jardim e Ensaios ignorantes (ensaiosignorantes.com)

desenhos Fernand Deligny

assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier

ISBN 978-65-8109-709-7

colaboração Maxime Godard e Sandra Alvarez de Toledo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

N-1 EDIÇÕES

R. Fradique Coutinho, 1139

05416-011 São Paulo SP Brasil

Fernand Deligny

Semente de crápula

Conselhos aos educadores
que gostariam de cultivá-la

Fernand Deligny

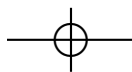
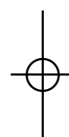
Semente de crápula

Conselhos aos educadores
que gostariam de cultivá-la

Fernand Deligny

Semente de crápula

Conselhos aos educadores
que gostariam de cultivá-la



O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

FERNAND DELIGNY nasceu no norte da França em 1913. Conhecido como educador, preferia autônomoar-se poeta e etólogo: “Meu projeto era escrever”. A escrita é nele uma atividade existencial, o laboratório permanente da sua prática. Dedica 50 anos da vida a crianças inadaptadas, delinquentes, psicóticos e autistas. Etólogo designa o meio que ele reinventa, em todas as suas circunstâncias, para tentar dar a essas crianças a oportunidade de sobreviver em uma comunidade que exclui ou normaliza.

Deligny publicou 15 livros, mais de cem artigos, fez filmes, fotografou e escreveu milhares de páginas inéditas: novelas inacabadas, roteiros, contos, ensaios infinitamente recomeçados sobre o humano, a linguagem, o psiquiátrico, a rede, o aracnídeo; esses dois últimos termos são marcas de seu glossário. Dois de seus livros, *Os vagabundos eficazes* e *O aracniano*, estão publicados pela n-1.



Prefácio publicado com
a reedição de 1960



Este livrinho foi escrito em 1943, editado em 1945. Dez anos depois, me falaram para fazer uma nova edição. Eu o reli. Indignado, comecei a preparar uma crítica rigorosa daquelas pequenas fórmulas sob o título: *Semente de crápula ou o charlatão de boa vontade*. Essa autocrítica, relida hoje no inverno das Cévennes, me parece bem excessiva, agressiva, categórica. Ela ficará na caixa de madeira na qual se amontoam, a cada mudança, páginas e páginas de intenções e relatos que, talvez, sejam, para mim, o que as folhas que caem são para as árvores.

No entanto, me incomoda deixar que saiam novos exemplares de *Semente de crápula* sem dizer nada. Tenho quinze ou dezesseis anos a mais, quinze ou dezesseis anos nesse trabalho diário sobre o qual eu falava alegremente em 1943.

Palavras me vêm, páginas, capítulos, se me deixo levar.

Este livrinho precisa de um subtítulo que me situe, agora, em relação ao que escrevi há quinze anos. Tenho este subtítulo: *Semente de crápula ou o amador de pipas*.

Era uma vez um amador de pipas. Vocês já sabem o que é uma pipa em relação às nuvens, aos pássaros, aos aviões e satélites; ela não é encontrada na natureza, é possível fazê-la por si mesmo,

a partir de modelos propostos em revistas ou folhetos, ou ainda inventar novas formas inspiradas em pipas chinesas ancestrais, no abutre dos Andes ou no avião-caça Mystère IV. Uma pipa não atravessa os muros do espaço, não troveja nem zune. Falta um não-sei-quê para que ela se sustente no vento e continue alegrando, com um ponto de cor viva, o mais cinza dos céus, ou para que ela caia e, pelo menos, não quebre nada além de sua própria armação. À primeira vista, isso não serve para nada. Veremos.

Então, por volta de 1943, comecei a fazer uma pipa, duas pipas: as fórmulas, formulinhas, cantigas, charadas, aforismos e paradoxos de *Semente de crápula*.

Uma pipa, sobretudo se for pequena, é fácil de segurar. Cento e trinta e seis já é outro assunto: elas arrastam você, ainda que tenha pouco vento, levantariam você, não podemos dizer que acima de você mesmo e, contudo, acabei sendo um educador de renome, levado, pela força e pela graça dessas cento e trinta e seis pequenas pipas, a um congresso internacional aqui, a uma comissão ali, e por mais que eu puxasse as cordas, como fazem os mergulhadores quando querem voltar a subir, minhas pipas frequentemente me deixaram morando ali, de onde eu teria querido escapar.

Aconteceram-me coisas piores. Sempre provocado por esse rebanho de discursos díspares em cuja forma eu mesmo havia mexido à vontade, encontrei-me à frente na criação de organismos de reeducação. Pobre de mim: é aí que se enredam os discursos e seus fios. É aí que o pobre diabo, que segura com a mão direita seu ramo de pequenas bandeiras multiformes e multicolores, se dá conta de que só lhe resta uma das mãos, a outra, para lutar a todo custo, sem muralha nem certeza para se apoiar. Com sorte, uma ou outra dessas fórmulas, soltas há muito tempo, não acaba caindo sobre sua cabeça e seus ombros, cegando-o, envolvendo-o com as tiras de sua rabiola, sobre as quais algumas palavras estão escritas, e ele desprega uma por acaso e a aplica e diz uma palavra em falso como se faz um movimento em falso.

É isso provavelmente o que eu queria contar aos antigos e futuros leitores de *Semente de crápula*. Há dois mundos. Aquele das fórmulas, formulinhas, charadas e parábolas e aquele do que acontece a todo momento aqui embaixo com quem quer ajudar os outros. Se, uma vez lidas, algumas de minhas palavras estremecem alegremente no céu de algumas memórias, melhor assim: aí está sua razão de ser. Mas aquele que quiser se servir delas, aplicá-las de alguma maneira, se daria

conta, ao mesmo tempo, do que são feitas: pedaços de páginas lidas, coladas e penduradas sobre os galhos maleáveis e leves arrancados de uma espécie particular de entusiasmo que surge cada vez que um menino me aborda. Que foi mil vezes serrado, derrubado e de cujo tronco nunca param de brotar rebentos.

Fernand Deligny
janeiro de 1960

Semente de crápula

Conselhos aos educadores
que gostariam de cultivá-la





SE você convive com filhotes de homem numa escola, num reformatório, numa colônia de férias, já conhece a semente de crápula, tal como o cultivador conhece o cardo, o joio, a papoula ou a nigela, amaldiçoando-os. Suponha agora que você, curioso cultivador, tenha semeado um campo de joio, de cardo, de nigela ou de papoula. Ao vê-los sair da terra, você sentirá as mesmas angústias que experimentava ao ver seu trigo germinar. Mas não se apresse em varrer os celeiros, nem prepare ainda as cordas de colheita. A colheita, se colheita houver, será para daqui a pouco, para mais tarde ou nunca. Com a diferença de que a semente de crápula é, ainda assim, a semente de homem.

JÁ que todos sabem que você cultiva o cardo, o joio, a papoula e a nigela, espere para ver chegarem os cultivadores, bem à vontade nos seus tamancos, olhando seu campo e dizendo: “Eis a nigela, o joio, a papoula e o cardo que infectam nossos campos, cuidados como ninguém sequer pensaria em cuidar do trigo”. Se gosta que riam um pouco às suas custas, responda, com os olhos para o céu e as mãos abertas: “Sim, e acredito que a colheita será linda”. Mas já se sabe que a semente de crápula é, ainda assim, a semente de homem. Ou então, você seria mesmo tão louco quanto parece.

ESTE aqui grita e gesticula, lhe aborda com projetos e reclamações; aquele ali dorme, e dorme sem sonhos. Você pensa: “A tarefa é fácil; vou despertar o dorminhoco e acalmar o agitado”. Mas não consegue, porque é impossível, porque a planta está na semente e a semente já é planta. Para o agitado, ache um trabalho que ocupará utilmente sua agitação e ensine o dorminhoco a trabalhar dormindo. Ao fazer isso, você não será tão forte quanto o bom Deus, mas terá feito o seu possível.

E, POR FAVOR, não conte com o poder das palavras. Você já ouviu alguma vez um camponês conversar com suas beterrabas, um verdureiro com suas folhas, um viticultor com suas uvas? Eles fazem o que é preciso para que as plantas cresçam, e são muito respeitosos com o tempo. Não estou falando para você da chuva e do vento, mas da duração necessária para que as coisas se realizem. Quando resmungam “isso não vai dar certo”, é porque não há nada mais a ser feito. E se você me disser: “É, mas os filhotes de homem têm orelhas”, eu responderei: “Infelizmente... se esse buraco não existisse, os adultos não poderiam despejar nele suas idiotices”.





Você, com seus botões: “Eles roubaram, fugiram de casa e vagabundearam: errantes como lobos, sorrateiros como animais selvagens... Por via das dúvidas vou abrir o peito e fazer – mandíbulas cerradas – um olhar de domador...” E você os encontra servis, adutores, solícitos e obedientes. Oferecem-lhe, já que é só o que podem dar, suas mãos, seus sorrisos e seus ouvidos. Você pensa: “Eu os conquistei”. Os dois furos nos pneus da sua bicicleta são para completar o presente, aquele dom próprio deles, e que provavelmente julgavam ser insuficiente.

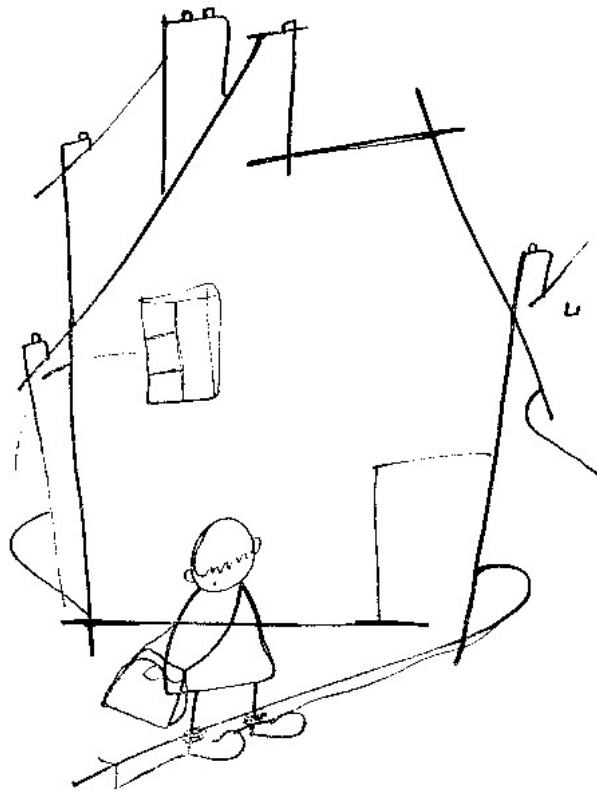
REJEITE os que vêm se oferecer: não vá procurar os que se afastam de você, e conte os que ficam. Se só tiver um, comece com esse.

Você é severo demais? Eles vão se esconder. Não é severo o bastante? Então não vai impedi-los de fazer bobagem. Não se preocupe, portanto, com a severidade.

Você, com seus botões: “Cuidado! trata-se de uma luta. Uma vontade – a minha – contra cem vontades hostis – as deles”. E você se prepara e se excita e perde seu tempo: vontade eles não têm. O que você precisa fazer é ir lá para a frente e puxar, puxá-los rumo a um objetivo. E pode se segurar, pois isso é pesado e escorrega. Durante esse tempo, enquanto você estiver bem ocupado apressando-os na direção da luz e do sol, eles vão surrupiar peras nos pomares vizinhos. É preciso, pois, se posicionar atrás deles, para vigiá-los. Não tendo mais ninguém para seguir, eles se dispersam. E você volta para casa, bastante enojado do seu novo ofício de pastor.

H. FOI posto no mundo pela mãe, criado pela tia, depois por uma prima, puseram-no numa fazenda, os avós tiraram-no de lá, até chegar a você, recém-saído da prisão. E você acusa a sociedade? Quando conhecer H., você estará cheio de indulgência pela mãe, pela tia, pela prima, pelo fazendeiro, pelo avô e pelo diretor da prisão. Isso não tira a culpa da sociedade.

PEQUENOS azarados? Veremos. Deixe que as boas almas caridosas façam cócegas no sentimentalismo. Você, faça seu trabalho.





ELAS conhecem todos os métodos de sedução, da mão no ombro até o pontapé em qualquer lugar, passando pelo sermão com voz contida, olhos nos olhos. Pelo efeito que isso já teve neles, tente outra coisa.

É PRECISO saber o que você quer. Se quer que gostem de você, traga balas. Mas o dia em que vier de mãos vazias, vão lhe chamar de escroto. Se quiser fazer seu trabalho, dê-lhes uma corda para puxar, madeira para quebrar, sacos para carregar. O amor virá em seguida, e essa não é a sua recompensa.

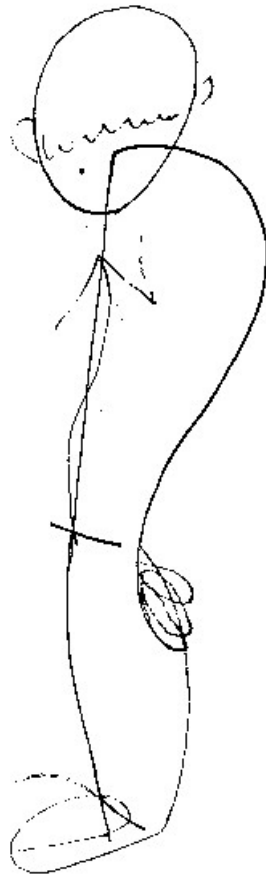
SE você chega com os bolsos cheios de brinquedos, em uma hora eles os transformarão em madeira quebrada. Se chega com a cabeça cheia de projetos, em três dias eles estarão esgotados. E os dias têm vinte e quatro horas, as semanas sete dias, os meses quatro semanas, e os anos doze meses. E depois desses, que agora já sabem se divertir sozinhos, virão outros, que já tomaram gosto pelo tédio. O casamento é o amor, mas também é a louça do almoço e do jantar. Não estou dizendo isso para desencorajá-lo, mas para que você modere sua coragem.

RECEOSOS e sem esperança, como imaginamos um fim de raça: pacientes e resignados ao redor de uma fogueira que lança ainda, por instantes, um reflexo de sangue sobre suas bochechas magras, uma faísca em seus olhos imóveis. Se você não intervém, nenhum deles descruzará as pernas para aproximar a lenha do fogo que se apaga: se você não intervém, nenhum deles se levantará para assoprar a brasa.

SEMPRE o inverno. Você já viu uma criança viver? Como um sol de verão que esbanja tanto calor e claridade, a ponto de alegrar o mar e inflamar a floresta. Elas são frias, de cor cinza e lúgubres, e o que às vezes as anima é simplesmente uma febre.

VOCÊ reconhecerá aquelas que foram criadas por uma mulher, as que foram criadas por velhos, as que cresceram num orfanato e as que mamaram as muralhas.

CHOVE. Eles vêm se abrigar na sala, pálidos, com os dentes cerrados, pequena humanidade diante do desastre, desesperados por esse antiquíssimo cheiro de miséria que sobe deles.





SE quiser conhecê-los depressa, faça-os brincar. Se quiser ensiná-los a viver, deixe os livros de lado. Faça-os brincar. Se quiser que peguem gosto pelo trabalho, não os amarre à carteira. Faça-os brincar. Se quiser fazer seu trabalho, faça-os brincar, jogar, brincar.

SE for professor, foda-se. Você acredita na eficácia da moral dos salmos e, para você, a instrução é algo primordial. Se vier trabalhar comigo, lhe darei os diplomados e ficarei com os iletrados. E conversaremos de novo no momento da colheita. A instrução é uma ferramenta, maravilhosa, concordo, indispensável, se quiser. Para nós, o que interessa é quem se servirá dela.¹

NÃO seja tão exigente. Eles roubaram peras para comer. Poderiam ter quebrado os galhos só por prazer. Na escala das más ações, realmente aquelas das quais se tira proveito soam melhor ao ouvido.

1. Por escrúpulo em relação aos professores, Deligny tomou a iniciativa de retirar esse aforismo desde a primeira reedição de *Semente de crápula*, pelas Éditions du Scarabée (1960). As edições Dunod (1998) conservaram a versão. Optamos por restabelecer o aforismo faltante, assim como o fez a publicação nas edições L'Arachnéen (2007).

Você não conseguirá nada com a coerção. Poderá, eventualmente, forçá-los a ficarem imóveis e em silêncio e, com esse resultado a duras penas conquistado, você não sairá do lugar.

Se você cortar a língua que mentiu e a mão que roubou, dentro de alguns dias será chefe de um pequeno bando de mudos e manetas.

Se hoje você der um tapa, amanhã terá que dar um soco, já que o tapa não terá surtido efeito. E depois de amanhã, um golpe com cassetete, e depois terá que instalar uma câmara de tortura. Acha que estou exagerando? E quantos reformatórios, no entanto, se enfeitavam com solitárias, as mais desconfortáveis possível, nas quais se jogava a criança castigada, privando-a de comida. Enquanto estava ali, ela deixava os funcionários em paz, esperando a morte. Ou o cúmulo da adaptação social.

Você sabe cantar, improvisar uma história de piratas, plantar bananeira, imitar os gritos dos animais, desenhar nas paredes com um pedaço de carvão? Então você terá disciplina.

NAS maiores confusões, você é a calma sorridente. Nas grandes calmarias, você é o vento.

É um jeito para que eles tenham sempre essa sensação de escolha, fora da qual não há boa vontade possível.

O MAIOR mal que você pode lhes causar é prometer e não cumprir. Além disso, você pagará caro e isso será justiça.

ONDE estão, belos rudes delinquentes, anarquistas, olhos negros, corpos cálidos dilacerados por cicatrizes? Aqueles que você verá serão glutões e bajuladores, e desmaiarão se você os vacinar.

VEJA só: você dá uma nota de cem a um fujão e o manda à estação de trem para comprar uma passagem. Ele volta ofegante e devolve o troco. “Reeduquei-o direito?” Três dias depois, sua cobaia, no meio da noite, desmonta uma janela e desaparece por um certo tempo. Espero que diga a si mesmo: “Parabéns”. Reserve seus experimentos para os ratos brancos.

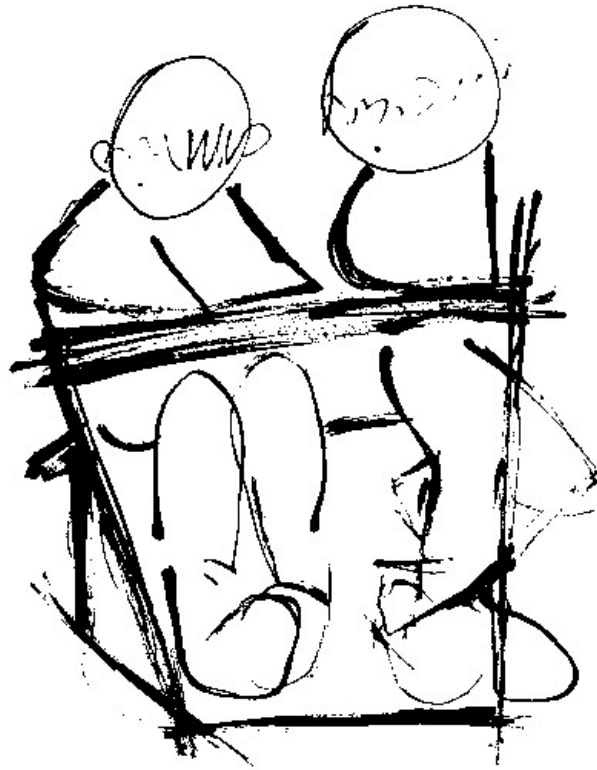
Você acredita que o mundo se divide em dois grandes grupos: os que são honestos e os que não são. Eles lhe dirão: os que são pegos e os que não são.

Se você conhece um pouco a aritmética social, você diz a si mesmo que trinta moleques num dormitório equivalem a dez vezes três amigos, ou três vezes dez amigos, ou quinze vezes dois amigos. Aqui, infelizmente, trinta são trinta. Trinta solidões magras, cúmplices e ciumentas.

Um incidente... Uma forma de evitá-lo. Mil formas de desculpá-lo.

Se você brincar de polícia, eles brincarão de bandidos. Se você brincar de Deus, eles brincarão de diabos. Se brincar de carcereiro, eles brincarão de prisioneiros. Se você for você mesmo, eles ficarão desconcertados.

Um olho neles, outro olho no céu. Nos primeiros dias isso dará um pouco de dor de cabeça.





AQUELE que você trata como indiferente e dorminhoco, já reparou com que destreza e com que vivacidade ele é capaz de afanar um bolo numa confeitaria cheia de clientes? Ele está vivo. Nem tudo está perdido.

QUANDO H. chegou, todo cheio de qualidades, você se perguntou: “Mas o que é que ele vem fazer aqui?” Agora que o conhece, você diz a si mesmo: “O que é que ele poderá fazer lá fora?”

AQUELE ali é um autêntico crápula; vem do presídio, amassado e sujo; seu arquivo está cheio de relatórios detalhados e reincidências. Menos mal, o trabalho está meio caminho andado. Na montanha, melhor subir que descer.

C., QUANDO chega, se mostra educado, solícito e honesto: é um ator. Será preciso ensiná-lo a ser ele mesmo. E, no fim das contas, com a ajuda do tempo, a se tornar outro.

T., QUE dava chutes nas canelas, agora dá socos na cara. Grande progresso.

L. CHEGA a você da prisão pelo roubo de um coelho que ele dividiu com a avó. Agradeça à justiça; poderiam ter lhe enviado a avó.

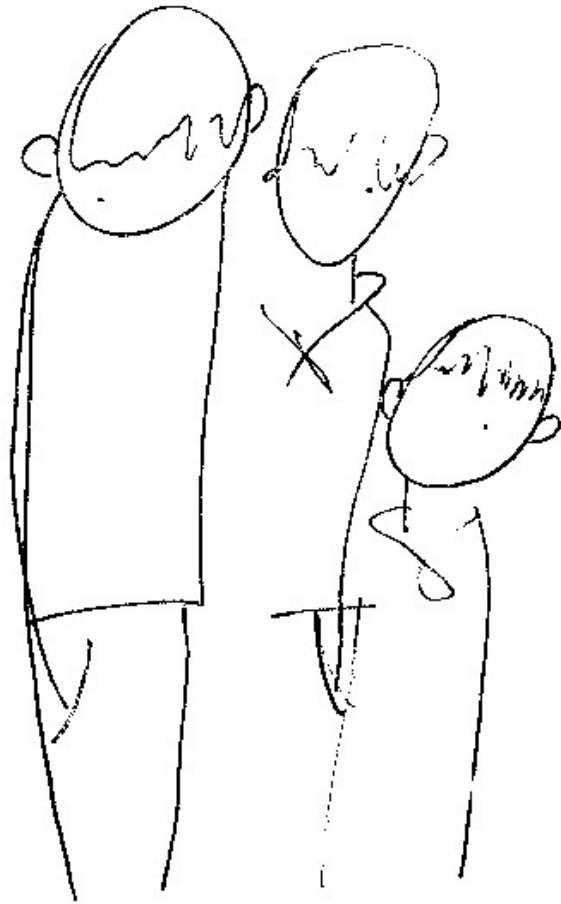
C ONHECI um que, quando estava muito ansioso para jogar, chegava a desmaiar. Ele não tinha coragem de se conter. É o mesmo que tinha jogado um machado na mãe quando ela recusou lhe dar quarenta tostões. Depois de sair “melhorado”, quis violar a irmã menor, que não via há muito tempo.

O RA pródigo e avarento, ora audacioso e medroso, ora mesquinho e desinteressado, aquele ali só é ele mesmo quando está dormindo.

R. JÁ sabe que a vida não é para ele e, com as mãos nos joelhos, vê passarem as horas.

N UNCA se esqueça de olhar se aquele que se nega a andar não tem um prego no sapato.

V OCÊ os coloca contra uma parede: você faz uma marca poucos milímetros acima de cada cabeça. Espera que tenham crescido. Labor incessante.





ESTEJA presente, sobretudo quando não está ali.

SE forem roubar morangos, plante morangos no pátio deles.

CAPAZES de tudo? É seu esse “tudo”.

VOCÊ os faz cantar cantos que glorificam a beleza do mundo. E o que eles buscam, olhos baixos, é uma bituca de cigarro solitária.

VOCÊ lhes propõe jogos de sua juventude e eles não parecem entender que esses jogos são mais atrativos que outros.

ELAS são quarenta. Você lhes pergunta: “Quem realmente quer jogar?” Vinte e cinco levantam a mão. Você leva todos até a quadra. E são os outros quinze que jogam.

OLHE aqueles que ficam nos cantos da sala de jogos, rejeitados como aqueles meninos desengonçados nos “brinquedos giratórios” dos parques de diversões. Será custoso para eles ocuparem seus lugares na existência.

R OUBARAM quatro torradas. Inquérito rápido. O ladrão é M. Trazem-no até você. “Senhor, eu não farei mais isso, nunca mais, eu juro.” Ele está pálido de aflição, chora e retorce as mãos, se entrega e, se fosse mais forte, teria lavrado seu próprio peito. Você balança a cabeça, atento a esse debate entre a hereditariedade e a boa vontade nascente. Ele estende três fatias de pão molhadas em lágrimas: você se emociona. A outra fatia, a seca, ele a comerá em seguida, bem escondido, à sua saúde.

A NTES de se indignar, lembre-se daquilo de que você mesmo era capaz quando tinha a idade deles.

V OCÊ diz a si mesmo: “Vou substituir o pai e a mãe dele”. Isso não é razão para você se embebedar todos os dias.

D ESCONFIE: aquele que se exhibe é o que tem vontade de se fazer ver, e, portanto, de se esconder.

Q UANDO tudo funciona, é chegada a hora de começar outra coisa.





ESTA noite, eles lhe parecem estranhos e são estranhos uns aos outros; o ambiente está cinzento: caroços num líquido sujo; tudo falhou. E você passa a noite com esse peso no coração, totalmente enojado deles. Na manhã seguinte, encontra-os frescos e triunfantes, como um doce bem-feito.

QUE preocupação constante, que espantosa habilidade, que atenção sempre alerta em evitar o mínimo trabalho! Algo como uma central elétrica que acionasse um moinho para fumar cigarros.

SE eles bocejam de boca escancarada enquanto lhe escutam contar uma história, tome isso, se puder, como uma mostra de confiança.

NÃO se trata de que eles adquiram os hábitos de um adulto, você, mas do hábito de viver como todo mundo.

NÃO os ensine a serrar se você não souber segurar uma serra; não os ensine a cantar se você achar chato cantar; não se disponha a ensiná-los a viver se você não amar a vida.

MANEJE o escotismo com prudência. Eles não precisam olhar os modelos que você propõe como um sapo olha uma borboleta.

Não lhes diga: “Acha que eu?” Pode ser que você seja um adulto modelo. Você certamente já não mais é um modelo de criança. Mas quando se tratar de ter coragem, você deverá ter por trinta; quando se tratar de ser teimoso, deverá ser por cinquenta; quando se tratar de rir, precisará de alegria para cem pequenos enjoados.

SE no coração de um escoteiro dorme um pequeno cavaleiro, no coração deles ronca um pequeno operário.

QUANDO lhe falarem de sua abnegação, espero que fique muito surpreso. Se não ficar, mude de profissão.

AQUELE que chora sem parar: faça-o lavar a sala. Se você tiver pena, mude de profissão.





NÃO se deixe levar até o ponto de dizer: “Oh! Jean, você fez isso... como você me decepciona”. Se não for verdade, Jean vai perceber. E, se for verdade, você corre o risco de acelerar o ritmo dos delitos, ainda que seja só para lhe decepcionar. Pois aí está um prazer do qual Jean foi privado desde que deixou os pais.

INCLINAR-SE demais sobre eles é a melhor posição para receber um chute no traseiro.

ERA uma vez um educador que gostava muito deles, mas tanto, que fizeram dele um grande lenço.

SE quiser que eles sejam eles mesmos, e você só pode querer isso, meta-se no meio deles sem armas e sem couraça, sem castigos nem recompensas. Se for atacado, pratique, se estritamente necessário, o jiu-jitsu, pois tanto essa arte quanto a maneira de usá-la são fruto do conhecimento do homem. Digo isso em sentido figurado: está fora de questão eles lhe ataquem. Se isso acontecer, mude de profissão: é que você é baixinho demais, tem a cara feia ou os pés chatos.

PROIBIR você de castigá-los vai lhe obrigar a deixá-los ocupados.

DEPOIS da incontinência verbal, o castigo é a arma mais cara aos corretores de crianças. E o mais triste é que as crianças tomam gosto por esses vícios de gente grande.

DIGA a si mesmo que a educação começará no dia em que o ambiente estiver completamente livre do mínimo miasma de “sanção”. E as mais difíceis de desinfetar serão, talvez, as crianças.

Os defeitos deles são como pelos: quanto mais cortamos, mais duros crescem.

UM hábito se arranha, um defeito se desbota; não fure o papel.

NÃO acredite que vai encontrar neles esses defeitos miraculosos que glorificariam um museu psicológico. Você vai recolher com uma pá a imensa quantidade de defeitos que se arrastam pelas ruas. Se você se contentar em colocá-los numa estufa, cuidadosamente etiquetados e empoeirados todo o mês, eles vão proliferar, crescer e se tornar monstruosos, como você quer, e a pequena coleção de anormais espantará os visitantes.

CUIDEMOS dos delinquentes e castigemos os tuberculosos. Veremos como uns se tornam escassos enquanto os outros se multiplicam.

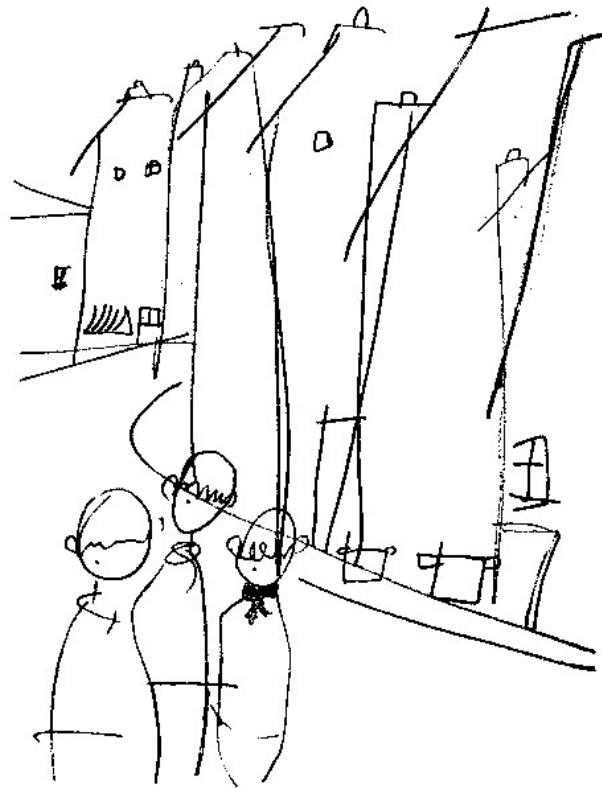
AQUELE ali é teimoso, rebelde e preguiçoso. Ele foge. “Ainda bem: não havia nada a fazer; os porquinhos vão comê-lo.” Dois anos depois, ele vem lhe ver, vestido confortavelmente, dono de uma bicicleta comprada com suas próprias economias, com um bom trabalho em mãos. Não fique ofendido. A vida tem muito mais experiência que você.

AREJE e limpe: a maldade é um micróbio que prolifera na sombra, na desordem e na sujeira. A água, o fogo, o ar e a luz: é disso que são feitos, em nosso ofício, os milagres.

NÃO creia em milagres. Hoje faz sol, o céu está azul e o vento, fresco. Eles brincam. Ouvindo seus gritos alegres, vendo-os correrem uns atrás dos outros e se dispersarem para se reagrupar em bandos amigos, você os percebe finalmente confiantes e abertos. Bate as mãos para aplaudir essa confiança finalmente encontrada e para chamá-los. Quatro deles fugiram. Prova de que o sol não tem em você e neles o mesmo efeito.

FAÇA-OS cantar, rir e dançar; faça-os correr, suar, saltar. O resto é questão de prudência e organização.

NÃO investigue as “historinhas entre eles” sem segurar firme na escada pela qual você desceu. Você corre o risco de se asfixiar como no fundo de um poço.





J EAN pegou a torrada de Paul. Então Paul receberá uma torrada de Jean. Sim, mas Jean deverá dar a Maurice o torrão de açúcar que Charles o fizera trocar por um porta-penas que Henri extorquirá de Louis e que ele recebera de Marcel em troca de um chute no joelho e depois de ameaças misteriosas, e o tal Marcel havia roubado quatro bolas de gude de Paul que as tinha pegado emprestadas de Jean. A verdade está no fundo do poço, mas a corda com a qual você a puxa é tão longa, tão longa, que quando a verdade chegar à borda você estará muito longe para sequer ver a cor dos cabelos dela.

V OCÊ perceberá que alguns juízes tomam decisões como joalheiros vendem uma aliança. Um tira a medida do delito tal como o outro tira a medida do dedo. Tanto um quanto o outro mal se importam com o resto.

A JUSTIÇA. Ou: quando o abstrato se torna escrivão.

SE estiverem trancafiados, tudo o que você pode fazer por eles é trazer-lhes três brotinhos de grama fresca, como faz aquela velha que vem dar uma olhada em seus coelhos na gaiola: bela história, projetos, músicas de caminhada... Mas isso jamais será carne de primeira.

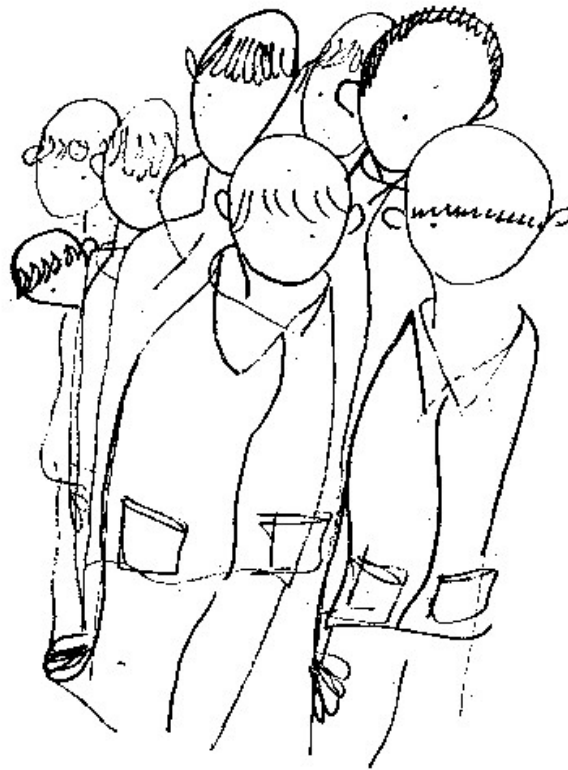
CRIE trutas em água suja, elas pegarão o gosto de lodo. Crie rãs em água clara, elas pegarão o gosto de truta.

CONSTRUIR uma fortaleza. Trabalho de escravo ou jogo maravilhoso. Tudo está na forma de fazer.

EPILEPTOIDE, deprimido, hipomaníaco... É isso que o médico olha. Seu refrão, por sua vez, deve ser: “Vamos brincar de quê?”

T. É BRUTAL e teimoso. Não se apresse em tirar suas garras. Talvez elas sejam suas únicas qualidades.

P. É MENTIROSO, H. é insolente, Z. é debochado. E F., que não é nada disso, o que vamos fazer com ele?





HÁ os defeitos úteis e outros menos úteis.

SÃO hábeis em perceber seus defeitos de homem, farejando-os de longe, como a hiena faz com a carniça, para se empanturrar.

SE as palavras deles não fossem vãs, você já estaria morto, com os olhos furados, a língua azul e as entranhas entregues às moscas (se acreditar neles quando estão com raiva). Se as palavras deles não fossem vãs, eles seriam corajosos, alegres e honestos, dedicados e conscientes de sua indignidade (se acreditar neles quando falam com você). Você ainda não está morto e eles ainda são um pouco crápulas.

SOBRETUDO, não tente saber o que falam de você entre eles. Eles ficam com vontade de sair andando quando lhe veem chegar? Eis seu trabalho.

COMO estão sujos e encardidos, você pensa que talvez seja o caso de fazer uma grande lavagem da qual eles sairão honestos e corajosos. Prepare sempre escovas, sabão, água, vento e sol. Então, dia após dia, você vai habituá-los a se lavarem a si mesmos.

“O vício deles está estampado em seus rostos... Olha essas atitudes dissimuladas...” Escolha o mais perverso da sua equipe, vista-o como um pequeno-burguês, suba com ele num vagão de segunda classe e fale com ele como se fosse seu filho. Se não lhe disserem “como o garotinho é bem-comportado...”, é porque sua cara não está para conversa.

AQUELE que é capaz de suar provavelmente vai se virar. Quanto àquele que sorri tão gentilmente, nunca faremos dele uma prostituta?

ALGUNS estão na beira da honestidade como um convalescente está na beira da planície: seu quarto cheira à doença, mas, ali, ele está aquecido.

Ao redor de um jardim imenso, onde as crianças brincavam entre a relva alta e os bosques misteriosos, alguém colocou uma barreira. O primeiro menino que a avistou chamou os outros que, interrompendo o jogo, vieram olhar, através das barras, o resto de um mundo para o qual eles não ligavam muito na véspera. E o mistério e o prazer, agora inacessíveis, passaram ao jardim vizinho. Dito de outro modo: evite as “interdições” sob pena de ver seu bando se precipitar e atravessar com prazer as novas barreiras.

DESAJEITADOS no jogo como as corujas na luz. Rancorosos, birrentos, trapaceiros, mesquinhos e avaros com o próprio fôlego. De resto, os melhores filhos do mundo. Preferem mascar fumo e cuspir entre os pés...

DESCONFIE das soluções imediatas: não adianta nada ligar uma lamparina de gás na corrente elétrica.

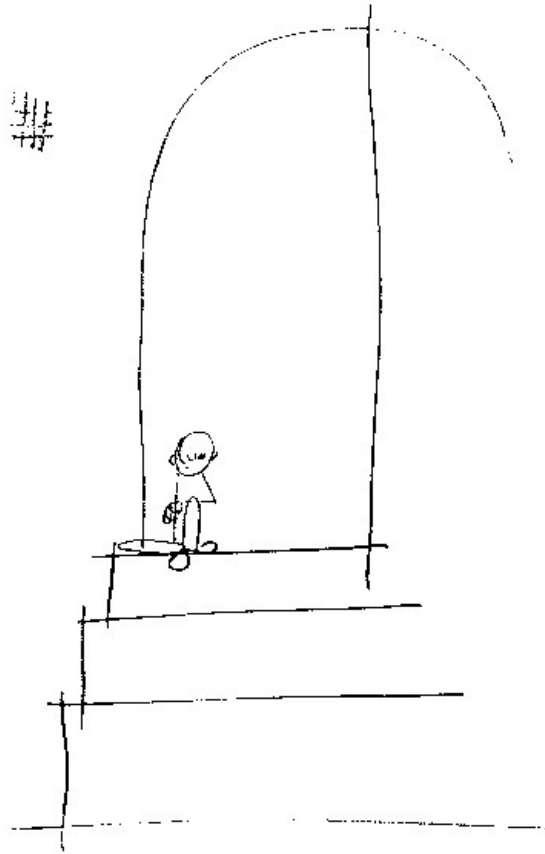
ELLES estão intoxicados por quinze anos de vida num ambiente imundo? Não têm nenhum gosto por aquilo que é sadio, honesto, humano? Seu trabalho é justamente o de tornar-lhes assimilável aquilo de que eles se desviam, de saber apresentar-lhes aquilo de que necessitam e de que não gostam muito: esforço cotidiano, jogos de regras, luz natural, água fresca, grandes e alegres tapas nas costas dos leais companheiros.

Você aprenderá que roubar habilidosamente está ao alcance do mais besta.

Você reconhecerá entre eles a ostra, a carpa, o boi, a hiena e o cavalo. Você se irritaria contra uma ostra?

POUPE suas raivas para os momentos de solidão e, depois, cuidadosamente, transforme-as em energia.

Os pais. Eles demoraram quinze anos e nove meses para fazer de seu filho o que ele é, e gostariam que, em três semanas, você fizesse dele uma criança modelo.





SE esses poucos que você terá “melhorado”, uma vez fora, comportam-se mal, você vai pensar que é o resto do mundo que precisa ser reeducado. O que não é algo mal pensado. Tarefa à qual outros além de você, e que eram Deuses, fracassaram em renunciar.

MANTENHA-OS vivos. Se a vida para eles é roubar, provocar, destruir, procure simplesmente para esses verbos os objetos diretos ou indiretos que farão sua força, imperceptivelmente, derivar para atos louváveis e úteis.

MEU primeiro é obediente. Meu segundo é obediente. Meu terceiro é obediente. Meu quarto é perverso. E meu todo é um belo bando de trombadinhas.

ELE tem medo dos cães. Tem horror à chuva. Tem pavor do vento. Sempre está com frio e fica inquieto quando a comida atrasa cinco minutos. É um pequeno vagabundo.

QUE a sua simpatia por aqueles que, dentre eles, se pareçam com você, não lhe impeça de compreender os outros.

Você perde dinheiro. T. encontra dois francos e os guarda. V. encontra cinco francos e lhe devolve. E eu digo que você terá problemas com V.

Não acredite que aquele que rouba de um para dar para os outros está perto da “saída”. Se você se misturar com a estética e a moral pura, será um perigoso egoísta e não está fazendo o seu trabalho.

QUE sejam “como todo mundo” – e Deus sabe como é feio o mundo – aí está, aí está seu ideal.

ELAS vão lhe surpreender: apesar de tudo, bem mais próximos de Pasteur do que da ostra.

Não os largue antes que tenham tirado tudo de bom que poderiam do ambiente que você criou. Mas quando estiverem bastante confortáveis, tenha pressa para se separar deles. Para ter um exemplo a dar para os outros, você se arrisca a deixar apodrecer os mais belos frutos da sua colheita.





PARA lhe consolar. Se você for bem-sucedido, será mais forte que a estupidez.

ERA uma vez um burro, adulto há alguns anos e mestre-escola profissional, que batia constantemente nos jovens cordeiros porque suas orelhas não cresciam rápido o suficiente. Ao seu lado, um velho gerânio ensinava às jovens violetas como elas deveriam enrubescer. Seguindo o mesmo trabalho, um velho melro ensinava a duas jovens corujas os segredos para cantar bem. E esse centro de reeducação era célebre no mundo inteiro pela excelência de seus métodos, mas não pela eficácia dos resultados obtidos.

ERA uma vez um coração de criança povoado de boas intenções, vivas, discretas e um pouco disformes, como um povoado de anões numa floresta antiga. Um adulto que passou entoava, com a voz grave, bons conselhos e lições de moral. Só de ouvir seus nomes arrotados por aquela voz sonora, todos os anõezinhos morreram de medo. Adultos, sejam menos barulhentos.

ESPERE o grande cansaço que te chegará, numa noite, junto com a ânsia de resfolegar, como fazem os cavalos, e com o desejo de andar na direção do horizonte até a região das crianças sãs, nobres e harmoniosas, gordinhas e bronzeadas pelo sol. No dia seguinte, você estará no trabalho uma hora mais cedo que de costume, como um modo de se desculpar.

UMA vaca pariu um bezerro de cinco patas. O fazendeiro, toda vez que passava pelo estábulo, dava quatro ou cinco pauladas na pata extra. A fazendeira queria mandar o bezerro ao catecismo, para que aprendesse que ter uma pata a mais era um defeito muito feio. A filha mais velha trazia suas amigas que explodiam de rir ou faziam cara de nojo. Assim fazem zigue — zigue — zá as casas de educação!

OPAÍ dele já passou oito anos na prisão; a mãe, dois anos no hospital, e esse pequeno exigente ainda queria que a sociedade tomasse conta dele.

TALVEZ valesse mais ter, perto das crianças infelizes, velhos presidiários adornados com o título de educadores em vez de certas “almas” de boa vontade. Pois, se uns podem afastar o vício, os outros podem afastar a vida honesta.

VIVEM nove em dois cômodos. O pai está sempre doente e a mãe sempre esperando outro irmãozinho. O mais velho está detido por mendigar. Ele lhe foi confiado. Você lhe dá um sermão. Você também poderia oferecer ao pai luvas de pele de um animal raro e, à mãe, um alicate de marfim.

ERA uma vez uma sardinhazinha que não sabia nadar. Colocaram-na dentro de uma lata, bem apertada, entre outras duas. Com muito cuidado, adicionou-se um pouco de azeite. Como estava feliz a sardinhazinha! Ela envelheceu três anos. Abriram a lata. Mas ninguém nunca mais tentou fazê-la nadar. Pois se tratava de uma sardinhazinha e não de uma criança delinquente.

UMA nação que tolera as favelas, os esgotos a céu aberto, as salas de aula superlotadas e que ousa castigar os jovens delinquentes me faz pensar naquela velha bêbada que vomitava sobre seus filhos durante toda a semana e que esbofeteou o menorzinho, sem querer, num domingo, porque ele tinha babado em seu avental.

HÁ os heredo-tuberculosos, os heredo-alcóolatrás e os heredo-infelizes.

HÁ três fios que deveriam ser tecidos juntos: o individual, o familiar, o social. Mas o familiar está um pouco podre, o social está cheio de nós. Então, tecemos somente o individual. E nos surpreendemos de não ter feito nada além de um trabalho de costura, artificial e frágil.

ALGUNS dos que fazem esse nosso trabalho creem em Deus; outros têm fé nas pessoas.





QUANDO você tiver passado trinta anos da sua vida aperfeiçoando sutis métodos psico-pediátricos, médico-pedagógicos, psicanalo-pedotécnicos, na véspera da aposentadoria você pegará uma boa banana de dinamites e, discretamente, explodirá alguns quarteirões numa favela. E, em um segundo, você terá feito mais trabalho do que em trinta anos.

SE por tão pouco você está desenganado da profissão, não suba em nosso barco, porque nosso combustível é o fracasso cotidiano, nossas velas se inflam de zombarias e trabalhamos duro para trazer ao porto uns arenques muito pequenos, quando tínhamos partido para pescar a baleia.

É UM ofício de crianças, é um ofício de apóstolo, um ofício de ajustador, ou melhor, de passadeira. E as pregas estão grudadas no corpo e no espírito das crianças, sobre as quais pesou, com toda sua massa inerte, uma sociedade de adultos bastante indiferentes.



Prefácio escrito para a
reedição de 1955, não
publicado à época



SEMENTE DE CRÁPULA OU O CHARLATÃO DE BOA
VONTADE. AUTOCRÍTICA DE UM EDUCADOR

Proudhon possui uma inclinação natural para a dialética. Mas, como nunca compreendeu a verdadeira dialética científica, não foi além dos sofismas. Na verdade, isso se explica pelo seu ponto de vista pequeno-burguês. O pequeno-burguês constitui-se de um “por uma parte” e de um “por outra parte”... É a contradição personificada. Se, como Proudhon, ele é uma pessoa de espírito, logo saberá manipular suas próprias contradições e convertê-las, segundo as circunstâncias, em paradoxos evidentes, espetaculares, ora escandalosos, ora brilhantes. Charlatanismo científico e arranjos políticos são elementos inseparáveis de semelhante ponto de vista.

KARL MARX

Ninguém gosta muito de ser pego de surpresa à luz de uma explicação clara.

Escrevi *Semente de crápula* por volta de 1943. As 136 pequenas fórmulas foram editadas em 1945. Elas me valeram a simpatia de educadores próximos e distantes.

Agora, em 1955, uma semana após outra, um pedido chega: dois *Semente de crápula* aqui, dois *Semente de crápula* acolá... Ora, não há mais *Semente de crápula*. Deve-se reeditá-lo?

Por doze anos, trabalhei. Meu ofício de educador e eu não nos separamos. A mensagem disparatada de 1943, com suas facetas talhadas em paradoxos, me irritaria se eu a lesse vinda de um outro. Mas, já que ela ainda flutua e que, aqui e acolá, jovens educadores ainda querem lê-la, por que não retomá-la, corrigi-la, a fim de encurtar em um dia a estrada daqueles que querem sair dos repugnantes redemoinhos ideológicos em que estão presos, primeiramente, aqueles e aquelas cuja tarefa cotidiana consiste em cuidar de crianças que não nasceram deles.

“Pequeno-burguês...”, eis-me entregue ao meu lugar (gostaria de poder escrever “meu lugar de então”), eu, o educador que se queria, ainda assim, revolucionário.

Pequeno-burguês... A tribo é numerosa e muito diversa. Pequeno-burguês de origem? Por acaso sofri por ser um explorado? Nunca: sempre tive a sensação de ser um privilegiado. Órfão de guerra, sim, mas órfão de oficial, e o bairro onde cresci, em Lambersart, perto de Lille, era tão pequeno-burguês quanto um bairro pode ser. Ele era

assim: *villas*, autênticas *villas*-pequenos-castelos em cada um dos lados de uma avenida vizinha de um hipódromo: pode-se dizer que aquela avenida era a espinha, a coluna vertebral do lugar. Quem vivia ali dentro? Não faço ideia: nunca vi, com meus próprios olhos, nada entrar nem sair dali. Havia árvores que conhecia bem e que eram minha única companhia quando pegava aquela avenida. Agora, quando vejo tudo aquilo com mais distância, sei que havia um castelo, uma espécie de castelo, que se chamava *crépi* [reboco], e eu achava que era seu nome de construção, castelo-reboco, como diríamos castelo-pontudo.¹ Na verdade, Crépi era o sobrenome de um grande empresário têxtil, e tudo parecia indicar que aquele imponente castelo, de tão safado, havia procriado e gerado uma centena de *villas*-castelãs, algumas retorcidas, tortas como solteironas que andam cheias de frescura; as outras, bem burguesas, fartas, limpas e satisfeitas em seu parque conservado, habitadas por algum chefe ou subchefe ou notável colaboracionista; portanto, uma avenida muito longa composta por esse enxame de *villas* prove-

1. A palavra *crépi* se traduz por “reboco”; *chapeau-pointu* é o tipo de chapéu com a forma pontiaguda. *Chapeau* e *chateaux* em Francês soam de modo parecido. Em seguida, *crépi* aparece como nome próprio, e, portanto, é a essa relação que o autor se refere ao ouvir a palavra à época.

nientes do castelo, mas as últimas delas não eram mais do que casas com uma pequena escadaria ou pequena torre ou um não-sei-quê na fachada ou na parte de trás que lhes permitia aparecer ao longo dessa avenida do Hipódromo, à espera de quê? de que um dia o castelo-reboco passasse lentamente diante delas?

Num extremo da avenida, um canal, o Deûle, e suas barcas amigas; no outro, um bom e velho prostíbulo, que deve ter sido uma fazenda: um bordel; à frente, os campos; aqui, ali, nas árvores, mais alguns “castelos”, mas esses não alinhados, colocados ali, em qualquer canto, e uma estrada pavimentada que insistia em passar com um bonde que sacudia em todas essas curvas: suas rodas mordiam o trilho, seu mastro pulava: um bonde não foi feito para passar por um caminho que deveria ser traçado por gaivotas preocupadas em voar ao redor da propriedade privada, em dar voltas, em não morder, em passar por onde podiam, por onde têm permissão de passar: caminho de costume: deve-se respeitar os costumes. Frequentemente acontecia de o bonde descarrilar, nervoso, sobrecarregado por essas complicações, por essas reviravoltas, enlouquecido por essas afetações, por esses gracejos que o obrigavam a fazer. Ele descarrilava. Pouco importa: ele estava no fim de seu

trajeto: deveria ir até a igreja – para que isso? Ele estava sempre mais ou menos vazio, corria, a marcha engatada na velocidade mais alta, tomado pelo mal das tempestades, balançava trinta vezes atrás e na frente pelo labirinto de curvas entre os castelos secretos e parava no “Canon d’Or” para fazer seu serviço, embarcar seu carregamento de uma brava gente, pessoas recém-saídas de suas casas de tijolos: avenidas, ruas de casinhas de tijolos, todas iguais, construídas a cada estação do ano: era nessas casas que viviam os empregados.

Todos “empregados”, o bonde cheio, as ruas cheias; um bairro, uma cidade de “empregados”. Eles tinham a sensação de serem explorados? Privilegiados, é isso o que eram. Havia muitos empregados de banco, e, entre os empregados de banco, havia alguns que eram do Banco da França: privilegiados em relação àqueles que estavam nos pequenos bancos; e os empregados dos pequenos bancos? Privilegiados em relação àqueles que não tinham emprego algum ou em relação ao pessoal uniformizado, um rapaz disso ou daquilo: “rapaz”, com cinquenta anos? Privilegiados esses “rapazes”, pois, em sua maior parte, eram mutilados de guerra: a mutilação, mesmo a da guerra, era um privilégio? Em relação aos mortos, aos moribundos, evidentemente eram privilegiados, e o brilho

do privilégio podia ser lido em muitos dos rostos: o bonde lotado voltava para a cidade pela rua Royale: estritamente verdade.

Eu era, então, órfão e privilegiado, duplamente, triplamente privilegiado, já que: meu pai morrera na guerra, mas ele morreu oficial: pequena pensão; ele tinha metido na minha cabeça (ele, ou minha mãe, ou os dois) o que era preciso para passar no exame das bolsas de estudo: bolsista; aluno do liceu:² privilegiado em relação aos do primário e aos aprendizes.

Privilegiado. Não há dúvida.

Privilegiado, agarre-se aos seus privilégios, como um acrobata nauseado ao seu trapézio.

Os operários me pareciam sérios, e cheiravam como homens de uma outra raça: eles tinham, no bonde, uma presença desajeitada e rude. Macacões de trabalho, sapatos, suas roupas, suas ferramentas: sobre a plataforma cheia de seres de pele pálida, estavam entorpecidos, muitas vezes pensativos e, na hora de descer, se cumprimentavam com um sinal de cabeça: no meio dessa gente, eles deviam ter medo de seu sotaque, mas eu via ali um desdém involuntário, o desejo de não fazer ouvir

2. O liceu era e continua sendo a instituição escolar francesa de educação secundária. Na época de Deligny, este nível de ensino não era obrigatório.

suas vozes pelos sujeitos ignóbeis que pareciam se conhecer todos entre si. Aliás, os operários raramente pegavam o bonde, eles iam a pé, e preferiam a rua Saint-André à rua Royale, paralela e mais movimentada, ou a esplanada, ao longo do canal, ou ainda as muralhas, de bicicleta.

O bonde era um privilégio que me deixava tão desconfortável quanto os outros privilégios que eu devia suportar: órfão, inteligente, aluno do liceu etc. “Pequeno-burguês”, abandone a tribo! É bem isso o que tentei fazer, mas imagine só! a tribo, nós a temos na cabeça: e, no entanto, fui procurar trabalho bem longe, não na direção dessas distâncias geográficas que só me atiçaram por meio de uma imaginação muito conscientemente gratuita, mas em pleno asilo de alienados. Um asilo, é muito longe, é uma ilha.

Antes, quando tinha vinte anos, já havia tentado deixar a tribo. Havia me filiado ao Partido comunista: um local vermelho, rua de Paris. Um homem estava ali, constantemente: um membro permanente? Para mim, ele era como o guardião de uma tradição. Era melhor não se fazer de bobo naquele lugar. Ele e nós não pesávamos o mesmo peso. Nós, porque éramos quatro ou cinco estudantes usando a mesma insígnia. Ele e nós não tínhamos a mesma densidade: tratávamos de es-

tar à altura quando íamos pegar os folhetos ou os cartazes para distribuir.

Os cartazes. Ali estavam, uma centena, dobrados em cima de uma mesa do local, carcomida: havia uma tapeçaria rosa empoeirada pelo pó de gesso que saía por entre os rasgos: parecia as bochechas maquiadas de uma velha: os cartazes, eu devia pensar que com um cartaz (mas qual?, quais teriam sido sua cor e seu desenho e suas palavras? Eu não sabia), um determinado cartaz que o Partido deveria ter encontrado que, uma vez com esse cartaz colado por toda parte, a cidade, algumas horas mais tarde, teria entrado em comoção, todo mundo em marcha, todo mundo exceto alguns medrosos, e, esse cartaz, não o arrancávamos nunca.

Íamos colar nossos cartazes e, uma vez feito o trabalho, voltávamos a passar na frente deles para vê-los: eram humildes, apesar da violência das palavras de ordem e, quanto a mim, não estava seguro de estar no meu direito de colar aqueles cartazes nos muros: qual era, no fundo, essa briga que se arrastava tanto? Os comunistas estavam na cidade como um caroço numa fruta e eu era de carne, não da mesma massa da qual são feitos os comunistas.

É impossível deixar a sua tribo, ela é muito ampla, está por toda parte. Está na luz acima do

canal, sobre o canal. Homens e mulheres se cansam nas barcas ou no caminho, para puxá-las, os braços balançando, um passo atrás do outro, curvados para baixo: uma mulher com cabelos grisalhos, longos, que pendem, uma mulher com cabelos grisalhos que puxa sozinha uma barca. Estou com essa mulher ou com a luz que se choca contra o canal? Trata-se mesmo de um “ou”: estou com a mulher, eu desço para puxar com ela porque não se deixa uma velha puxar sozinha, mas não verei mais a luz; deve-se escolher: a velha ou a luz; azar!, a luz, escolho a luz: por acaso um homem “escolhe” o ar? Necessita dele.

A tribo está por toda parte: está na imensa biblioteca universitária na qual homens, um ruivo, um negro alto, um velho, estavam ali para nos adiantar os livros, para nós, os moleques: homens feitos, que haviam participado da guerra e não sei quê, tudo o que alguns homens têm que fazer antes de se tornarem visivelmente feitos e tudo o que tinham que fazer. Nesse caso, tratava-se de servir a vocês os livros que vocês tinham que ler: estavam ali como garçonetes num restaurante, e isso acabava com qualquer vontade de ler. Usavam camisas cinzas. Um deve ter recebido um estilhaço de granada na cara, um dia, entre 1914 e 1918; parecia que ele usava uma máscara desanimada:

ele lhe estendia o livro pedido como um mendigo estende o folheto do horóscopo ou o pacote de envelopes que ele finge estar vendendo. E era nessa biblioteca que alguém teria que aprender?

A tribo estava nos bares nos quais todos os que sentiam que sobravam no mundo se faziam companhia durante todo o dia. A tribo estava na literatura, outra luz que eu devorava com os olhos: a literatura me falava de tudo. Estava acima da vida dos homens, como a luz acima do canal e, ao ter que escolher entre viver ou ler, tínhamos que escolher ler, já que não sabíamos o que viver.

A tribo estava então por toda parte. Para abandoná-la, era preciso ir longe.

Lá. O asilo.³ 1940. A guerra. 1941. O asilo ao longo de anos. Havia encontrado um ofício: educador. 1943: escrevo *Semente de crápula*, o qual, seis anos mais tarde, me proponho criticar. *Semente de crápula* foi lido por alguns milhares de educadoras e educadores em busca de seu ofício: cinquenta páginas, todas nutridas pelo leite da tribo pequeno-burguesa.

Entretanto, trabalhei muito neste asilo: havia participado da guerra e de tudo o que um homem deve fazer para parecer um homem feito. Havia

3. Manicômio.

um, entre os grandes caracteropatas, um entre os cem dos que eu não me separava, que andava, inclinado para frente, um passo depois do outro; contudo, ele não puxava nada além de si mesmo, e eu estava com ele, no mesmo caminho de terra, corredor de asilo; ajudava-o e via, AINDA ASSIM, a plena luz do céu.

Mas a tribo é potente: ela era, no próprio crânio de meu estranho companheiro, nos seus gestos difíceis e fragmentados de falso-trabalhador.

Quando tomei nota das frases de *Semente de crápula*, para quem anotei? Para ninguém: e isso também era coisa da tribo: uma maneira de fazer bolhas na luz que banha os canais e os campos e as praias enquanto o homem, no fundo, fica à sua própria pena.

E partir, como muitos outros tentaram, partir para o Taiti, para o Evereste ou para os Asilos, partir para deixar sua tribo, isso é deixar o homem: ainda que se parta para viver com os mais desgraçados, os tortos, os que babam, os malvados, os mancos: um a mais, um a menos, os mancos estão pouco se fodendo, ou mais ou menos.

Não se deve abandonar os outros. Não se trata de abandonar sua ampla e sutil tribo pequeno-burguesa. Deve-se estar com esses que trabalham para convencer de que chegou a hora de mudar de

ponto de vista. Deve-se dizer. Deve-se cortar, com os dentes se necessário, as amarras que prendem suas barracas nos lugares desgastados, em plena fome moral.

Desta vez, pelo menos, sei para quem escrevo: para o leitor de *Semente de crápula* editado em 1945.

Convido-os, este ano, para perseguirem nas frases das quais gostaram naquele momento, o hábil pequeno-burguês educador, que, manejando como um malabarista suas próprias contradições, elaborou-as em paradoxos... et cætera... Charlatão de boa vontade.

Sobre a tradução¹

1. Parte deste e do texto da contracapa foi escrita com base em textos de Sandra Alvarez de Toledo presentes nos livros *Œuvres* (L'Arachnéen, 2007) e *Permitir, trazer, ver* (MACBA, 2009).



Os aforismos de *Semente de crápula. Conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la* são o resultado das primeiras tentativas de Deligny. Ele passa os primeiros 20 anos de atuação profissional entre escolas especiais, instituições médico-pedagógicas e hospitais psiquiátricos. Durante a Segunda Guerra, une operários e membros da Resistência em uma rede de ajuda mútua, alojada em edifícios destruídos ou abandonados nos bairros populares. Aproxima, assim, pela prática, educadores diplomados, de origem pequeno-burguesa, do meio social dos delinquentes.

Semente de crápula foi escrito em 1943 e publicado em 1945, numa edição que esgota rapidamente.

Por ocasião de um primeiro projeto de reedição em 1955, Deligny redige um prefácio intitulado “Semente de crápula ou o charlatão de boa vontade. Autocrítica de um educador”. Mas a reedição, que só aparece em 1960, é publicada com um outro prefácio no qual o autor vislumbra novo título para o livro: “Semente de crápula ou o amante de pipas” (a palavra “amateur” ressoa também com “amante”). “Por volta de 1943, eu me pus a fazer uma pipa, duas pipas: as fórmulas, formulinhas, cantigas, charadas, aforismos e paradoxos de *Semente de crápula*.” Deligny havia iniciado,

uns anos antes da reedição, sua conhecida tentativa/experimentação/invenção com autistas, que durará até sua morte em 1996. Deligny acolhe autistas sem intenção de curá-los, e fala do autismo sem ser psiquiatra.

O projeto de nossa tradução dos aforismos de *Semente de crápula* origina-se em uma prática. A partir da lógica do amante/amador temos traduzido textos diversos, de autores consagrados a desconhecidos, dentro de uma ação chamada *Ensaaios ignorantes*, que realizamos nos últimos 9 anos. Juliana conheceu Deligny em 2012 vendo filmes, mapas, traços, como visitante numa mostra de arte, e ficou, desde então, entre textos dele no original francês e em tradução espanhola (não havia nada traduzido em português). Três anos depois, propôs leituras coletivas de alguns textos de Deligny e foi aí que Luiz se aproximou. Começamos a ler entre francês e espanhol, vertendo já para nossa língua, de um jeito *ignorante* (em aliança com Joseph Jacotot): por comparação. Podemos ler, traduzir, entender e dar a ler. Em 2019, os *Ensaaios ignorantes* foram convidados pela curadoria de Artes Visuais para criar algo dentro de um festival no complexo hospitalar do Juquery. Decidimos traduzir os 134 — Deligny menciona 136 — aforismos do livro para ocupar o espaço que foi a

recepção da antiga colônia psiquiátrica de Franco da Rocha, e ler os *conselhos* junto com o público. Havia, então, um objetivo de migrar o texto do papel para o espaço e para a voz. Nenhum problema: eram conselhos. Porém, fixar essa tradução em livro seria projeto mais ousado, pois nossas traduções, até então, vinham desejando soar textos entre a solidão e o comum de encontros públicos, para agir a partir da proximidade com as palavras. A n-1 se animou, pois algo de nossas posições interessou à editora. Não foi fácil. Deligny nomeou esses aforismos conselhos, cantigas, charadas, ou seja, algo que se pode dizer com voz. Ainda que ele tenha sido um escritor impressionante, optamos por manter ecos dessa voz (advinda de sua prática) nos aforismos em português. Ele era francês, esperamos que dê para escutar sua língua. Ele escrevia a partir da prática. Esperamos que se escute aqui algo da ação de Deligny. Em sua tentativa de asilo, o agir é também desprovido de intenção. Nós dois intencionamos nos aproximar do livro, vigilantes em relação a uma leitura-tradução-amadora/amante que o escutasse de perto. Agora, na língua de chegada, esperamos que nossa tentativa brote. Agradecemos a Florelle D’Hoest, Maxime Godard e Sandra Alvarez de Toledo.

Juliana Jardim e Luiz Pimentel



A ideia desta coleção Lampejos foi criar, para cada capa, um alfabeto diferente desenhado pelo artista Waldomiro Mugrelise. Entremear a singularidade dos textos de cada autor à invenção gráfica de um outro léxico e outra sintaxe.

“Todos os viajantes confirmaram: transformar o teclado do computador em mecanismo de fazer desenhos é a melhor solução para este projeto. A invenção de um dispositivo composicional além do léxico, quero dizer, anterior ao léxico, fará o leitor percorrer léguas de insensatas cacofonias, de confusões verbais e repetições que correspondem a idioma algum, por dialetal ou rudimentar que seja. A incoerência (inocorrência?) da palavra resulta em potencialidade gráfica infinita, um campo ilimitado para o desenho. Lucas compõe as capas a partir da tipologia fornecida por Waldomiro. Eu me visto de Waldomiro, diz ele. Ser meio para nenhum fim. As linhas caóticas da mão são capturadas e organizadas em um sistema que produz composições que o artista nunca criaria. Imagem é texto, como bem sabemos. Os livros, por diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as letras do alfabeto.”

Leopardo Feline

N-1 + hedra
edições

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D353s Deligny, Fernand

Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la / Fernand Deligny ; traduzido por Juliana Jardim, Luiz Pimentel. - São Paulo, SP : N-1 edições, 2020.
94 p. : il. ; 11cm x 18cm.

Tradução de: Graine de crapule. Conseils aux éducateurs qui voudraient la cultiver
ISBN: 978-65-81097-09-7

1. Filosofia. 2. Educação. I. Jardim, Juliana. II. Pimentel, Luiz. III. Título.

2020-2224

CDD 100
CDU 1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100
2. Filosofia 1